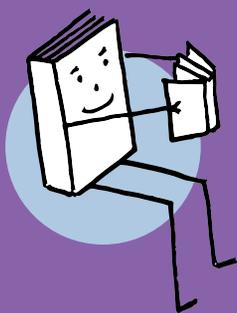
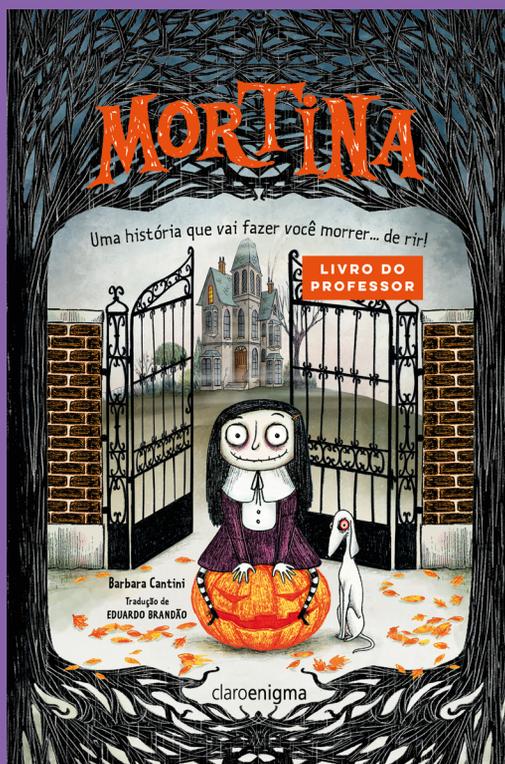


Material digital de apoio à prática do professor



AUTORIA

Julia Duca
Especialista da Comunidade Educativa
CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica Dutra
Coordenadora da Comunidade Educativa
CEDAC

claroenigma

Material digital de apoio à prática do professor

AUTORIA

Julia Duca

Especialista da Comunidade Educativa CEDAC

COORDENAÇÃO

Érica Dutra

Coordenadora da Comunidade Educativa CEDAC

LIVRO

Mortina: uma história que vai fazer você morrer... de rir!

AUTORA E ILUSTRADORA

Barbara Cantini

TRADUTOR

Eduardo Brandão

CATEGORIA 2

Obras Literárias do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental

TEMAS

Autoconhecimento, sentimentos e emoções

Encontros com a diferença

GÊNERO LITERÁRIO

Conto, crônica, novela

claroenigma

Conteúdo

CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão

Renata Lopes Del Nero

Maitê Acunzo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Duca, Julia

Material digital de apoio à prática do professor :
Mortina : uma história que vai fazer você morrer... de rir! /
Julia Duca ; coordenação de Érica Dutra, CEDAC. —
1ª ed. — São Paulo : Claro Enigma, 2021.

Bibliografia

ISBN 978-65-89870-09-8

I. Literatura infantojuvenil – Estudo e ensino 2. Material de apoio ao professor I. Título II. Dutra, Érica III. CEDAC. IV. Cantini, Barbara. Mortina

21-5486

CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:

I. Literatura infantojuvenil — Estudo e ensino 372.64044

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA CLARO ENIGMA LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702 — Parte cj. 72

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3531

Sumário

Carta ao professor	5
Estrutura do material digital	6
Contextualização	7
Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental	8
Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa	10
Pré-leitura	12
Leitura	14
Pós-leitura	21
Outras propostas de leitura e abordagem da obra	24
Sessões simultâneas de leitura (na escola)	24
Literacia familiar	25
Bibliografia comentada	26
Sugestões de leituras complementares	28

Carta ao professor

Uma das funções mais complexas da escola é formar leitores proficientes (competentes e críticos) que façam uso da leitura em diversas circunstâncias e com diferentes propósitos. Isso porque a formação de sujeitos para uma sociedade democrática pressupõe, entre outros aspectos, um intenso trabalho de leitura.

Os textos literários são dotados de características que contribuem bastante para uma formação que considera o plural e o diverso, fornecendo múltiplas possibilidades para o sujeito compreender o mundo em que vive, a partir de uma compreensão de si mesmo e do outro. Os bons textos literários são polissêmicos, vigorosos e podem levar o leitor a ter variadas experiências estéticas.

No artigo “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa Bondía explica que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Num mundo caracterizado por tanta informação, mas pouca experiência, é fundamental essa experiência que toca, atravessa e transforma o leitor, e que nesse caso só é possível porque concebemos a literatura como arte. Sua matéria-prima é a linguagem, utilizada pelos autores em toda sua potência, elasticidade e facetas. Quantas vezes uma palavra que conhecemos tão bem tem seu sentido transformado em textos literários, construindo novas imagens e ampliando nossa forma de olhar as coisas? O ato de refletir sobre os usos e os efeitos de sentido é uma experiência que desejamos que todos os estudantes tenham a oportunidade de vivenciar, ampliando assim seus conhecimentos sobre recursos linguísticos e, conseqüentemente, a habilidade de se expressar no mundo.

Este material foi produzido sob a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em educação, literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em contemplar a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro nos contextos escolar e familiar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu contexto sócio-histórico. A intenção foi indicar caminhos para que você possa mediar uma experiência literária significativa para as crianças do Ensino Fundamental, contribuindo para que o direito de acesso aos bens culturais — neste caso ao livro, à leitura e à literatura de qualidade — fosse garantido, assim como a formação leitora a ser desenvolvida na e a partir da escola.

Bom trabalho!

ESTRUTURA DO MATERIAL DIGITAL

Este material serve como apoio para você trabalhar com o livro *Mortina: uma história que vai fazer você morrer... de rir!*. Desde já, enfatizamos que as propostas aqui apresentadas são apenas sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra. O material está organizado da seguinte forma:

- **Contextualização:** apresentação de informações importantes sobre a obra, a autora e ilustradora e o tradutor.
- **Por que ler esta obra nos anos iniciais do Ensino Fundamental:** subsídios e orientações sobre a importância da leitura deste livro nessa etapa escolar e sua contribuição para a formação leitora das crianças, estabelecendo relações entre as práticas sugeridas e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Política Nacional de Alfabetização (PNA).
- **Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa:** sugestões para o encaminhamento do trabalho nos momentos de pré-leitura e pós-leitura, e também para a interação verbal durante a leitura dialogada, considerando momentos nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, também ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.
- **Outras propostas de leitura e abordagem da obra:** sugestões para ampliar o trabalho de leitura na escola e para explorar a literacia familiar, a fim de que as crianças entrem em contato com outros leitores, o que contribui para se tornarem leitores autônomos.
- **Bibliografia comentada:** lista das obras usadas para elaborar este material digital, com breves comentários.
- **Sugestões de leituras complementares:** lista de materiais que dialogam com os conteúdos e temas abordados nesta obra e que contribuem para o trabalho do educador.

CONTEXTUALIZAÇÃO

Mortina: uma história que vai fazer você morrer... de rir! é um livro que, apesar de contar com personagens um tanto assustadores, é leve e divertido. Foi escrito e ilustrado por **Barbara Cantini**, artista nascida na Itália, em Florença, no ano de 1977. Hoje em dia, ela vive na zona rural da cidade de Toscana, com seu marido, duas filhas e vários animais de estimação. Sua formação inicial foi em cinema de animação, e podemos perceber que sua experiência de trabalho com séries de desenhos animados influenciou sua produção literária. Atualmente, dedica-se apenas à escrita e à ilustração de livros infantojuvenis — o que já lhe rendeu diversos prêmios, como o de ilustradora do ano, oferecido pela instituição Città del Sole, em 2011.

Foi em 2018 que publicou o primeiro livro protagonizado por Mortina, um grande sucesso já traduzido para trinta idiomas.

A temática do horror parece ser a preferida da autora e ilustradora, que também lançou *Puffy e Brunilda: Uma pitada de magia*, com a presença de personagens típicos do universo de assombração. Mais uma vez, ela não abriu mão de uma pitada de humor para tranquilizar os leitores mais amedrontados.

Um pouco mais sobre Barbara Cantini

- Sobre seu processo criativo neste livro: <https://bit.ly/CoresZumbi>.
- Uma galeria com alguns de seus trabalhos e também um espaço com ilustrações que podem ser impressas e coloridas pelas crianças: <https://bit.ly/BarbaraCantini>

(Acessos em: 11 nov. 2021).

A tradução da obra ficou a cargo de **Eduardo Brandão**. Carioca nascido em 1946, em 1970 abandonou a carreira como repórter para dedicar-se à tradução de obras literárias para o público adulto e infantojuvenil. Não podia ser diferente: Eduardo cresceu rodeado de livros e é filho, sobrinho e neto de tradutores. Seu excelente trabalho de tradução conseguiu manter o humor da obra original na adaptação do nome das personagens para o português e na criação de palavras novas, como “superespetacularíssima”. Nem sempre é fácil criar a ponte entre mundos distintos, e em uma entrevista Eduardo Brandão explica que entende seu ofício como “ser o intermediário entre duas culturas, permitindo o acesso aos tesouros literários criados pelos autores de outras línguas, ou-

tras culturas. Sem o trabalho dos tradutores, quanta riqueza permaneceria inalcançável!” (Disponível em: <https://bit.ly/EduardoBrandao>. Acesso em: 14 nov. 2021.)

A narrativa breve desta obra é apresentada como um **conto**, pois a trama é desenvolvida com a presença de poucos personagens, em um espaço bem definido (o vilarejo de Logo Ali), em um período de tempo reduzido ao essencial. Além disso, há um conflito centrado na vontade da protagonista, uma menina-zumbi, em ter amigos. Apesar desse grande sonho, sua tia Fafá Lecida a mantém longe de seus vizinhos, presa no Palacete Decrépito, justamente pelo medo do julgamento que os humanos farão sobre sua amada sobrinha. Mortina passa seus dias brincando sozinha e algumas vezes observa, escondida, as crianças brincarem livres e felizes. Tudo muda quando a pequena morta-viva percebe que o Dia das Bruxas é a oportunidade perfeita para enfim sair do sinistro palacete e conhecer as crianças de Logo Ali.

O livro abre espaço para temáticas importantes a serem abordadas com os estudantes: o **encontro com as diferenças** e também o **autoconhecimento, sentimentos e emoções**. O primeiro é desenvolvido na maneira como as crianças aceitam a protagonista: apesar de suas diferenças exacerbadas, os vizinhos são capazes não só de aceitar, mas de valorizar as características da menina. Aqui o olhar infantil sobre o diferente pode divergir do olhar adulto, já que a tia Fafá Lecida tem bastante receio sobre o que os vizinhos pensarão de Mortina. O segundo tema é desenvolvido na forma como a protagonista se enxerga: no início do livro temos acesso a essa percepção por meio do narrador (“Mortina não era uma menina normal. Mas não se sentia tão diferente assim”, p. 4). Além disso, a personagem demonstra muita coragem ao se revelar para os amigos exatamente do jeito que é (p. 38).

Esses temas são de extrema relevância para as discussões no 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. É indispensável favorecer um espaço em que ocorram reflexões sobre o respeito e a aceitação de características, personalidades, defeitos e qualidades próprios e também do outro, pois só assim serão garantidos espaços de convivência respeitosos e harmônicos entre os estudantes.

POR QUE LER ESTA OBRA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A escolha de um livro a ser lido para a classe é sempre fruto de questionamentos, reflexão e estudo por parte dos professores. Nesse momento, é preciso seguir alguns critérios de seleção, que podem ser diversos: diversidade de gêneros, escolha de autores e ilustradores já reconhecidos, livros que promovam distintas experiências estéticas, obras ainda não conhecidas pela turma, entre outros. Entretanto, mais do que isso, Cecília Bajour, no texto “A conversa literária como situação de ensino”,

destaca que a escolha também deve ser feita por “textos vigorosos, abertos, desafiadores, que não caiam na sedução simplista e demagógica, que provoquem perguntas, silêncios, imagens, gestos, rejeições e atrações” (*Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020. p. 52).

Mortina: uma história que vai fazer você morrer... de rir! encaixa-se bem nessa definição, pois, apesar de ser uma obra curta, apresenta desafios que não subestimam o leitor. Um deles é a percepção de um clima que combina humor e terror. Entender como se dá essa combinação por meio das descrições dos personagens e das ilustrações é uma reflexão importante a ser feita com os estudantes.

O livro também traz outras possibilidades de discussão a partir das temáticas da autoaceitação e do respeito às diferenças, as quais evocam questionamentos importantes para a faixa etária, principalmente no que diz respeito à construção de um espaço em que a tolerância e a aceitação sejam regras, onde ninguém seja julgado com preconceito e todos sejam respeitados e acolhidos em suas individualidades.

As ilustrações em si também podem ser objetos de análise, pois carregam informações importantes para a construção da narrativa, além de contribuir para o conhecimento sobre o passado dos habitantes do Palacete Decrépito com informações que não estão no texto escrito.

São muitas as possibilidades que este livro abre para discussão, e esse é um dos motivos por que ele colabora com a formação de um leitor que assume seu papel ativo e questionador diante do que lê. Além disso, a obra também contribui sobretudo para o desenvolvimento de uma das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental:

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/ Undime, 2018, p. 87.)

As propostas de atividades que apresentamos neste material visam também, como recomenda a Política Nacional de Alfabetização (PNA), assegurar momentos de **interação verbal** nos quais se possa, ao conversar sobre o lido, ampliar o contato com a língua e desenvolver uma construção coletiva da compreensão do que se lê.

Propostas de atividades: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa

A literatura, quando trabalhada em sala de aula, está necessariamente vinculada a conversas sobre o que foi lido. E uma premissa é que esses espaços de discussão sejam pensados tendo em vista os estudantes como protagonistas. Assim, é preciso que o docente esteja atento para não tomar a palavra somente para si e que tenha claro que conversar também é ouvir. A partir disso, colocar-se como um mediador pressupõe propor perguntas, dar ênfase a falas de estudantes que possam instigar a conversa, estabelecer conexões com outros textos conhecidos pela turma ou chamar a atenção para algum trecho ou ilustração que possa ter passado despercebido.

Para essa **leitura dialogada**, é importante uma leitura prévia da obra; assim podem-se antecipar os recursos literários e as questões que permearão o diálogo. Entretanto, sabemos que não há como prever tudo, afinal as crianças têm modos de pensar distintos — e é importante que isso seja considerado pelo adulto. Além disso, conceber a literatura como objeto artístico é também acreditar em múltiplas interpretações, desde que bem justificadas. Sobre isso, a pesquisadora argentina Cecilia Bajour afirma:

Pensar nos textos com antecedência é imaginar perguntas, modos de apresentar e adentrar os livros, estratégias de leitura e também de escrita ficcional, possíveis pontes entre o texto proposto e outros etc. É fazer uma representação provisória da cena com os leitores, que, por mais que sejam conhecidos, nunca se conhece de todo, que certamente surpreenderão nossas previsões, já que ninguém pode antecipar com certeza o rumo das construções dos sentidos dos textos. A predisposição à surpresa por parte do mediador é por si mesmo uma postura metodológica e ideológica em toda conversa sobre livros, dado que supõe partir do princípio de que as significações ou as maneiras de penetrar nos textos não estão dadas de antemão, ou de que não existe alguém, nesse caso o docente, que tenha a chave da verdade. (*Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012. p. 60.)

O planejamento dessas propostas visa à formação de um leitor competente, capaz de construir sentidos para aquilo que lê — um aprendizado que acontece principalmente de maneira coletiva. A pesquisadora Teresa Colomer, da Universidade Autônoma de Barcelona, acredita na potencialidade da criação de uma comunidade de leitores e defende que:

Compartilhar a leitura significa socializá-la, ou seja, estabelecer um caminho a partir da recepção individual até a recepção no sentido de uma comunidade de leitores que a interpreta e avalia. A escola é o contexto de relação onde se constrói essa ponte e se dá às crianças a oportunidade de atravessá-la. (*Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007, p. 147.)

Assumindo a potência dos espaços de discussão para a formação dos estudantes como leitores, espera-se que as propostas sugeridas neste material contribuam para desenvolver as seguintes habilidades:

(EF15LP15) Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

(EF15LP16) Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.

(EF15LP19) Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

(EF01LP26) Identificar elementos de uma narrativa lida ou escutada, incluindo personagens, enredo, tempo e espaço.

(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.

(EF35LP04) Inferir informações implícitas nos textos lidos.

(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.

PRÉ-LEITURA

Neste momento, é válido aproximar as crianças da temática do livro. É esperado que ao longo da formação leitora os estudantes sejam repertoriados com histórias que tenham bruxas como personagens. Os contos de fadas talvez sejam o primeiro contato dos leitores com essa figura amedrontadora; a madrasta da Cinderela, a comedora de criancinhas de João e Maria, as irmãs de *O mágico de Oz* são alguns exemplos. Elas também estão presentes nas narrativas atuais, nas quais costumam aparecer das mais diferentes formas: algumas são bruxas horrendas com verrugas na ponta do nariz, chapéus pontudos e dentes podres, por vezes equipadas com um caldeirão e uma vassoura; outras têm um aspecto mais divertido e amigável.

Neste livro, a protagonista é uma menina-zumbi. No entanto, iniciar a conversa com base no que é mais conhecido pelas crianças configura-se como uma boa estratégia de iniciação à atmosfera criada na história.

Uma prática possível é a roda de apreciação de ilustrações de bruxas, que pode ou não ter como produto final uma Galeria de Bruxas. Antes de tudo, você pode fazer alguns questionamentos para instigar a discussão:

- **Quais** bruxas da literatura vocês conhecem?
- **Como** descreveriam uma bruxa? Todas elas são retratadas da mesma forma?

Anote as bruxas mencionadas e suas características — essa lista mais tarde poderá compor o mural da classe e também é uma ótima estratégia para repertoriá-las nesse universo. Ao registrar essa lista, é possível trabalhar a **ampliação de vocabulário** das crianças, incluindo características físicas e informações sobre a personalidade das personagens.

Em um segundo momento, pode-se dar início à apreciação de imagens de diferentes bruxas. Entre as muitas referências possíveis, sugerimos alguns livros que trazem boas ilustrações para apreciação e reflexão:

- *A bruxa Salomé*, escrito por Audrey Wood e ilustrado por Dow Wood (9. ed. São Paulo: Ática, 2019).
- *A bruxinha atrapalhada*, escrito e ilustrado por Eva Furnari (24. ed. São Paulo: Global, 2003).
- *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, escrito por Arden Druce e ilustrado por Pat Ludlow (São Paulo: Brinque-Book, 2002).

- *Carona na vassoura*, escrito por Julia Donaldson e ilustrado por Axel Scheffer (São Paulo: Brinque-Book, 2012).
- *Manual prático de bruxaria — em onze lições*, escrito e ilustrado por Malcolm Bird (São Paulo: Ática, 2000).
- *Puffy e Brunilda: Uma pitada de magia*, escrito e ilustrado por Barbara Cantini (São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021).

Outra análise possível é a comparação entre bruxas que apresentam características distintas. Para essa discussão, é importante estar atento à escolha das ilustrações a serem oferecidas às crianças. O objetivo é que elas possam confrontar diferentes perfis de bruxas e, a partir dessas análises, justificar os efeitos causados no leitor — medo, humor ou outro sentimento que surgir a partir da conversa. Sugerimos usar ao menos três ilustrações em que essas diferenças estejam bem acentuadas (elas podem ser dos livros indicados acima).

Nos livros *A bruxa Salomé* e *Bruxa, bruxa, venha à minha festa*, temos exemplos de bruxas assustadoras, velhas, de aparência horrorosa. Já em *A bruxinha atrapalhada*, somos apresentados a uma bruxa com traços simpáticos. Por fim, em *Carona na vassoura*, as características assustadoras (nariz grande e pontudo com uma veruga na ponta) são combinadas com o sorriso amistoso na expressão da personagem, compondo uma mistura dos outros dois tipos de bruxa então analisados.

Algumas sugestões de perguntas para a turma:

- **Quais** semelhanças e diferenças vocês percebem entre essas bruxas?
- **Que** efeito cada uma delas causa em vocês?

É importante que durante essa conversa as crianças sejam capazes de perceber que características diferentes causam efeitos distintos no leitor. Uma pode estar mais ligada ao medo; outra, mais ligada ao humor. **Como** isso se justifica? **Quais** características comprovam isso?

Por fim, você pode propor a criação de uma Galeria de Bruxas. Convide as crianças a inventar a própria bruxa, colocando em jogo tudo aquilo que foi discutido na roda de apreciação. Para o compartilhamento desse trabalho, os estudantes podem ilustrá-las e descrevê-las levando em conta o que foi observado e discutido na roda de apreciação. Seria interessante a bruxa criada receber um nome que combine com as características escolhidas. O trabalho final pode ser exposto em um mural da escola, em um blog ou até mesmo em um pequeno livro.

LEITURA

Para a leitura do livro *Mortina: uma história que vai fazer você morrer... de rir!* é indicada a prática da **leitura compartilhada**, que consiste na leitura em voz alta pelo professor, ao mesmo tempo que cada estudante acompanha a leitura com seu exemplar. Dessa forma, as crianças podem, ao longo da leitura e da discussão, analisar e observar trechos do texto escrito ou ilustrações comentados pelos colegas ou pelo professor, tendo em vista a **construção coletiva de sentido** e a **autonomia leitora** dos estudantes. Sobre essa prática, Teresa Colomer afirma que:

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência do outro para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas. (*Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007. p. 143.)

No entanto, tendo em vista que este é um texto curto e que as crianças poderão contar com o apoio das ilustrações, não se descarta a possibilidade de uma leitura individual, desde que seja seguida de uma **interação verbal** entre o professor e os estudantes.

As duas modalidades trazem benefícios para a formação do leitor e contribuem com a aprendizagem de **comportamentos leitores** importantes.

Entre os comportamentos do leitor que implicam interações com outras pessoas acerca dos textos, encontram-se, por exemplo, as seguintes: comentar ou recomendar o que se leu, compartilhar a leitura, confrontar com outros leitores as interpretações geradas por um livro ou uma notícia, discutir as intenções implícitas nas manchetes de certo jornal... Entre os mais privados, por outro lado, encontram-se comportamentos como: antecipar o que segue no texto, reler um fragmento anterior para verificar o que se compreendeu, quando se detecta uma incongruência, saltar o que não se entende ou o que não interessa e avançar para compreender melhor, identificar-se com o autor ou dis-

tanciar-se dele assumindo uma posição crítica, adequar a modalidade de leitura — exploratória ou exaustiva, pausada ou rápida, cuidadosa ou descompromissada... — aos propósitos que se está lendo (LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 62).

Outro aspecto que merece atenção é esta obra poder ser lida de duas formas, e seria interessante conversar sobre isso com as crianças. Considerando as descrições e observações que acompanham algumas das ilustrações, há dois caminhos de leitura possíveis:

1. Ler o texto de forma corrida, sem parar para observar atentamente as descrições, voltando a elas apenas no fim da leitura.
2. Parar em cada uma das descrições para observar com atenção tudo o que podem oferecer.

Também será importante colocar luz sobre o fato de que, nesses dois caminhos, os tipos de letra são diferentes: o texto principal aparece com letra de imprensa, enquanto as descrições das ilustrações aparecem em letra cursiva, salientando os dois momentos narrativos distintos.

Terminado esse primeiro momento de contato com a obra, sugerimos explorar dois elementos importantes que aparecem na capa: o título e a ilustração. A partir dessa análise, os estudantes podem fazer inferências e antecipações importantes.

Uma forma possível de iniciar essa discussão é perguntar o que lhes chama a atenção no título do livro. Pode ser que as crianças percebam que na capa tem um nome, provavelmente da protagonista do livro, e talvez o relacionem à palavra “morte” — o que dá início a uma atmosfera assombrosa. A palavra volta no subtítulo: *Uma história que vai fazer você morrer... de rir!*. No entanto, agora carrega outro sentido, e esse é um aspecto que pode ser objeto de reflexão. Aqui, em contraposição ao clima assustador sugerido pelo título e pelas ilustrações, revela-se um ambiente bem-humorado, que é confirmado na expressão da menina-zumbi: ela parece convidar o leitor a adentrar a história, num chamado simpático e acolhedor.

Aliás, a ilustração pode ser observada por diferentes perspectivas: a capa está emoldurada por duas árvores, como se os galhos e as raízes envolvessem o livro, isolando o palacete (que pode ser visto no centro) do mundo “real”. As características de uma menina-zumbi, o portão, as cores acinzentadas ou meio azuladas ao fundo

também contribuem para essa atmosfera horripilante. O laranja aparece como uma cor que chama a atenção do leitor para alguns detalhes, mas também está relacionada com as típicas abóboras do Dia das Bruxas.

Desde as primeiras aproximações com o livro, é fundamental que os estudantes sejam capazes de perceber essa atmosfera em que o humor e o horror caminham juntos. Até mesmo com o objetivo de acalmar algumas crianças que possam se sentir amedrontadas pela temática envolvida na narrativa.

Após a finalização dessa primeira discussão, pergunte o que os estudantes esperam da leitura, abra espaço para que levantem hipóteses. Nesse momento, não existe certo e errado; mas é imprescindível incentivá-los a argumentar com os elementos observados na capa, e não apenas fazer suposições sem fundamentos. Ler a quarta capa fornece mais indicações sobre o conflito vivido pela menina e apresenta outros personagens da narrativa. Além disso, a leitura desse texto pode ser utilizada pelas crianças na hora de escolher um livro a ser lido — outro comportamento leitor a ser incentivado pelos professores sempre que possível.

Se achar oportuno, neste momento você pode apresentar a autora e ilustradora Barbara Cantini e o tradutor Eduardo Brandão. Há informações sobre eles neste material e também no paratexto (“Conversando sobre a obra”), no fim do livro do estudante. As crianças podem conhecer outras obras feitas por eles e é importante dar espaço para esses comentários.

Com a obra apresentada, pode-se iniciar a leitura. Destacaremos alguns pontos-chave que podem ser trabalhados ao longo da leitura. Por ser um livro curto, recomendamos uma leitura na íntegra e depois a discussão, o que não impede que sejam propostos pontos de parada na narrativa para expor algum aspecto específico. Durante a **leitura dialogada**, é relevante que o professor traga para o debate diferentes **chaves de leitura**, recursos literários que queira abordar nesse espaço dialógico que se abre com a leitura, para análise da obra. Algo a ser pensado é que neste material sugerimos algumas formas de entrar nesse texto, mas as crianças podem trazer outras — e é fundamental que elas sejam escutadas, de maneira que suas hipóteses e seus questionamentos sejam também objeto de reflexão coletiva.

Um primeiro exemplo é a relação que se estabelece no livro entre humor e horror. Algumas perguntas possíveis:

- **Como** o horror está presente na narrativa? E o humor?
- **Por que** vocês acham que essas duas formas de narrar estão juntas no mesmo livro? Isso é comum? **Qual** será a intenção da autora?

Outra análise importante foca as ilustrações, as quais, apesar de não serem indispensáveis para o entendimento do enredo, são responsáveis pela aproximação entre o leitor, a narrativa e os personagens, além de servirem para dar ênfase a aspectos que podem passar despercebidos no texto escrito. Observe que a expressão das personagens é muito trabalhada pela ilustradora e ajudam a mostrar como estão se sentindo. Também ressaltamos, mais uma vez, que as descrições que acompanham alguns detalhes trazem informações que não aparecem no texto escrito. É dessa forma que vamos conhecendo, por exemplo, os antigos habitantes do Palacete Decrépito.

Algumas perguntas possíveis nesse momento:

- Por meio das ilustrações, Barbara Cantini nos aproxima da obra e dos personagens. Explora também o recurso das descrições, que fazem às vezes o papel de legenda.

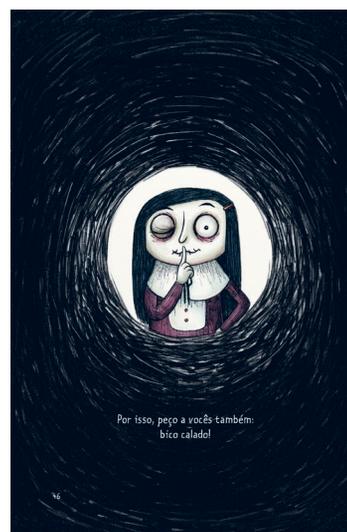
“O dr. Severo, um velho amor da tia” (p. 9).

“Tio-avô Funesto vestido de marinheiro” (p. 15).

“Tia Amargosa, irmã (solteirona) da tia Fafá” (p. 25).

“Quadro pintado pelo vovô Féretro na juventude” (p. 28).

- **Quais** informações podemos obter a partir dessa leitura? **Como** elas ajudam a criar a atmosfera de terror da narrativa?
- Observem as ilustrações das páginas 5, 11, 15, 36, 38 e 46. **O que** elas têm em comum?



Aqui talvez seja desafiador para as crianças perceberem qual a função desse recurso da moldura na ilustração. Pode ser interessante compartilhar com elas o que Barbara Cantini fala:

Sobre a composição, ao inserir os quadros pretos ou partes da composição preta, a artista pensa numa dupla função: enquadrar certas cenas e reforçar essa escolha visual mais assustadora, sublinhando o protagonismo da linha de lápis preto do estilo. “*Mortina* é muito rica em ilustrações completas, tanto na quantidade de detalhes como na cobertura de página. Assim, os quadros negros, por outro lado, também desempenham a função de criar um distanciamento visual em algumas cenas, onde, caso contrário, uma continuidade visual errônea seria criada entre as duas páginas lado a lado que não deveriam estar lá, porque elas devem ser ‘lidas’ separadamente. O quadro preto permite isso”, explica. (Disponível em: <https://bit.ly/CoresZumbi>. Acesso em: 24 out. 2021.)

- Observem a sequência de ilustrações entre as páginas 39 e 41. **O que acontece nesse momento da narrativa? Como a ilustração contribui para isso? E o texto escrito?**

Nessa análise, será interessante que a turma perceba que a repetição da ilustração corresponde a uma parada no tempo: quando as crianças fantasiadas se dão conta de que Mortina não é como elas, mas sim uma menina-zumbi, a expressão de surpresa no rosto dos personagens fica fixa, permanece igual ao longo de três páginas. O tempo de virar a página ajuda a contar a história. É como se os humanos precisassem de um tempo para aceitá-la, para entender o que viram, enquanto ela vive a incerteza e a angústia de ser ou não aceita por eles e as duas folhas vão lentamente caindo no chão, marcando essa espera (observe-as na p. 39 e depois bem mais embaixo, na p. 41). As reticências também contribuem para essa noção de uma passagem lenta do tempo. Além disso, a imagem que vai se reduzindo nos leva a concluir que há um afastamento dos personagens em relação à menina-zumbi. Isso pode provocar no leitor uma ideia de que, em um primeiro momento, eles ficaram apavorados.

Outra forma de entrar na obra é pela análise do texto escrito. Apesar de curto, ele configura um desafio para os estudantes no que diz respeito ao vocabulário. Talvez as

crianças não conheçam algumas palavras, mas esperamos que as compreendam com base no contexto, que contem com o apoio das ilustrações para entendê-las ou que consultem outros colegas para a construção desses significados. As conversas podem caminhar no sentido de ajudar a turma a inferir o significado dessas palavras ou expressões. Alguns exemplos são: “rangedora” (p. 7), “galgo albino” (p. 8), “uivo” (p. 15), “entalhadas” (p. 20), debochadas” (p. 20), legítimo” (p. 22), “gorgolejasse” (p. 26), fosforescente” (p. 27), “desapontamento” (p. 29), “entusiasmo” (p. 33), “coincidência” (p. 35), “aspecto” (p. 36), “esbugalhados” (p. 39), “sepulcral” (p. 39) e “confraria” (p. 45). De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (PNA), propostas de **ampliação de vocabulário** são importantes na medida em que:

Pode-se desenvolver o vocabulário indiretamente, por meio de práticas de linguagem oral ou de leitura em voz alta, feita por um mediador ou pela própria criança; ou diretamente, por meio de práticas intencionais de ensino, tanto de palavras individuais, quanto de estratégias de aprendizagem de palavras. Um amplo vocabulário, aliado à capacidade de reconhecer automaticamente palavras, é a base para uma boa compreensão de textos. (BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA – Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/ Sealf, 2019. p. 34.)

Diante disso, ressaltamos que, mais do que compreender o significado dessas palavras, importa que os estudantes observem e analisem o **efeito de sentido** provocado pelo uso delas na narrativa — algumas são responsáveis, por exemplo, pela criação de uma atmosfera de terror.

Além disso, esse é um texto com muitas descrições, e é interessante ajudar as crianças a perceberem como esse recurso de escrita enriquece a obra. Trata-se de detalhes que, se fossem deixados de lado pela autora, tornariam a história menos atrativa. Além disso, há uma escolha por adjetivos que reforçam a criação de uma atmosfera de horror, como na descrição da protagonista do livro:

Na verdade, ela era completamente pálida. Ou melhor: era de uma palidez **mortal**, puxando para o cinza-esverdeado.

Ah, e seus olhos eram redondos como uma bola. E contornados por duas olheiras **arroxeadas**. (p. 4)

Outro momento em que as descrições aparecem como um recurso narrativo:

- Sou um vampiro! Olhem só meus **caninos afiadíssimos!** — disse Miguel.
- Sou uma bruxa! Vejam que **verrugas horrendas!** — exclamou Teresa.
- E eu sou um lobisomem! Olhem só que **garras afiadas!** — falou Joãozinho. (p. 37)

Outro desdobramento possível de discussão é o conflito vivido pela personagem. Nesse momento, é preciso ter cuidado para não transformar essa conversa em compartilhamento de situações vividas pelas crianças. A ideia é criar uma oportunidade de enxergar diferentes possibilidades de lidar com sentimentos já conhecidos por elas em outras situações. Alguns trechos possibilitam essa reflexão, como quando Mortina não se identifica como alguém anormal (p. 5), quando Joãozinho considera a característica mais estranha da menina-zumbi como “SUPERESPETACULARÍSSIMA” (p. 42) e no desfecho do livro, quando os amigos criam o “pacto da confraria monstruosa” (p. 45).

Por fim, o desfecho do livro também pode ser discutido com os estudantes. Nesse trecho, Mortina conversa diretamente com o leitor, pedindo que fiquemos também de “bico calado”. A piscada de olho reforça essa aproximação e sela um pacto entre o leitor e a personagem.

Algumas perguntas que podem ser feitas nesse momento são:

- **Com quem** Mortina está falando?
- **Como** vocês se sentiram ao fazer parte da história?
- **Por que** a menina-zumbi nos pede para ficar de “bico calado”?
- Observem a ilustração da menina. **Por que** Mortina está piscando um dos olhos? **Qual** é a intenção dela ao fazer isso?

Alguns especialistas afirmam que conversar sobre o que foi lido é continuar lendo, e foi com base nisso que oferecemos neste material algumas chaves de leitura. Mas a conversa não precisa se encerrar aqui. Outras leituras podem ser feitas e novas discussões surgirão — provavelmente as crianças conectarão essa história a outras ou farão comentários sobre suas preferências, por exemplo.

PÓS-LEITURA

DIA DAS BRUXAS

Após a leitura da obra, as crianças podem sentir vontade de conhecer mais sobre o Dia das Bruxas ou até de compartilhar experiências já vividas. Uma conversa interessante que pode ser incentivada é sobre a comemoração dessa data nos diferentes países e culturas.

A depender do interesse do grupo, é possível investigar mais sobre a temática em sites da internet e também em livros. Esse momento pode desencadear uma reflexão sobre como selecionar materiais informativos que atendam ao propósito dos estudantes e como registrar as curiosidades encontradas para dividi-las com outras crianças da escola. O valor dessa proposta está em observar como as diferentes culturas compreendem a relação entre vida e morte, como é a relação com os seres fantásticos que fazem parte dessas festas.

O Dia das Bruxas, comemorado em 31 de outubro e também conhecido como Halloween, é muito presente em países como Estados Unidos, Irlanda e Canadá. Ele surgiu do festival Samhain, ocasião em que o povo celta celebrava o retorno dos mortos à Terra. Durante a comemoração, que durava três dias (iniciando em 31 de outubro), as pessoas acendiam fogueiras na intenção de afastar os espíritos. Muitos usavam máscaras para que não fossem reconhecidos. O festival era também um espaço de agradecimento pelas colheitas do ano e de transição para o início de um novo ano, em 1º de novembro.

Atualmente, no Dia das Bruxas as crianças costumam sair fantasiadas pelas ruas e passar nas casas vizinhas pedindo “doce ou travessuras”. Alguns símbolos dessa data são: as abóboras com recortes em formato de olhos e boca, bruxas, morcegos, aranhas, fantasmas, caveiras, gatos pretos e zumbis, entre outros. A comemoração foi incorporada em muitos outros países, inclusive no Brasil, onde nesse dia também comemoramos o Dia do Saci. A data foi criada em 2003, com a lei federal n. 2762, que defende a celebração de figuras do folclore brasileiro em contraposição a símbolos da cultura estrangeira.

Alguns países de língua hispânica não celebram o Halloween, mas sim o Dia dos Mortos, em 2 de novembro. Nesse dia, quando as “almas” são autorizadas a visitar os parentes vivos, costuma-se levar ao túmulo dos familiares a coisa de que eles mais gostavam. Na véspera, parentes e amigos ficam “à espera” dos mortos durante a madrugada, celebrando com muita comida e bebida. Também é comum nessa data a distribuição de caveiras doces, feitas de chocolate, marzipã e açúcar.

Dia dos Mortos: Patrimônio Cultural da Humanidade

Em 2003, a Unesco reconheceu a festividade do Dia dos Mortos como obra do patrimônio oral e imaterial da humanidade, por ser uma expressão tradicional integradora, representativa e comunitária. No México, as festas indígenas dedicadas aos mortos estão profundamente arraigadas na vida cultural e têm a função social de recordar o lugar do indivíduo no grupo, contribuindo para a afirmação de sua identidade.

Já na Tailândia, acontece todo ano a Phi Ta Khon, festa com muita música e desfiles nos quais os celebrantes levam a imagem de Buda enquanto, segundo a crença dos moradores, os espíritos de vietnamitas mortos circulam entre os homens.

Alguns filmes sobre o Dia dos Mortos e o Dia das Bruxas

As festividades mencionadas já foram representadas em alguns filmes infantis que podem ser apresentados para ampliar o conhecimento das crianças sobre essas celebrações:

- *Viva: A vida é uma festa* (2017), 100 min.
Direção: Lee Unkrich, Adrian Molina (Pixar)
Classificação indicativa: livre
Miguel é um menino que tem o sonho de ser um músico famoso, mas para isso precisa lidar com a reprovação de sua família. Determinado a virar o jogo, ele acaba desencadeando uma série de eventos ligados a um mistério de cem anos. A aventura é inspirada no feriado mexicano do Dia dos Mortos.
- *A casa monstro* (2006), 98 min.
Direção: Gil Kenan
Classificação indicativa: 10 anos (indicado somente para os estudantes de 5º ano)
DJ Walters mora em frente de uma casa bem misteriosa. Tudo o que passa ali perto simplesmente desaparece, incluindo triciclos, brinquedos e animais de estimação. Ele e seus amigos tentam alertar a todos, mas nenhum adulto acredita. Skull, um pizzaiolo, acredita que a casa tem alma humana e que o único meio de eliminar o perigo que ela representa é acertando-a direto em seu coração. Então os amigos elaboram um plano para entrar na casa.

- *O estranho mundo de Jack* (1993), 1h16min.

Direção: Henry Selick; produção: Tim Burton

Classificação indicativa: livre

Jack é um ser fantástico que vive na Cidade do Halloween, um local cercado por criaturas fantásticas. Lá todos passam o ano organizando o Halloween do ano seguinte; mas Jack está cansado de fazer a mesma coisa de sempre. Assim, decide deixar sua cidade natal e acaba parando em uma floresta, onde encontra alguns portais que o transportam para as mais diferentes festividades.

Outras propostas de leitura e abordagem da obra

O trabalho com obras literárias na escola deve ser diário, fundamentado em diferentes estratégias que considerem a sala de aula como uma microcomunidade leitora. No entanto, esse não é o único espaço possível para formar leitores. É importante que essa formação seja entendida de forma mais ampla e que também tenha como objetivo aumentar, sempre que possível, essa comunidade de leitores. Para isso é necessário envolver as pessoas que estão na escola e também fora dela.

Apresentamos aqui algumas possibilidades que podem ampliar essa experiência de leitura.

SESSÕES SIMULTÂNEAS DE LEITURA (NA ESCOLA)

Esta atividade baseia-se em uma prática idealizada pela argentina Claudia Molinari, em que os professores selecionam livros e produzem resenhas para apresentar diversas possibilidades de leitura aos estudantes. Dessa maneira, as crianças podem escolher de qual roda de leitura desejam participar; cada uma se inscreve na sessão que preferir.

Assim, as rodas de leitura acontecem simultaneamente, misturando leitores de diferentes turmas, levando em conta acima de tudo o interesse que as crianças demonstram pela história escolhida. Após a leitura, todos são convidados a voltar para sua sala de aula para um momento de discussão sobre o que foi lido e também para compartilhar indicações literárias.

Sugerimos que a obra de Barbara Cantini seja incluída numa sessão organizada com outros livros que abordem o humor e o horror. Dessa forma, as crianças têm oportunidade de buscar pontos de semelhanças e diferenças entre as obras.

Para conhecer mais sobre as sessões simultâneas de leitura, assista ao vídeo que apresenta o Projeto Entorno, que realiza formação de professores, coordenadores pedagógicos e diretores, além de rodas de leitura promovidas por voluntários. Para assistir às **Sessões Simultâneas de Leitura (Projeto Entorno)**, o site está disponível em: https://bit.ly/SSL_Entorno (acesso em: 11 nov. 2021).

LITERACIA FAMILIAR

Sabemos da importância da família na formação leitora do estudante. Por isso, embora nem sempre o exemplo leitor venha de casa, é importante, como educador, incentivar que essa prática também aconteça no espaço doméstico.

Uma boa maneira de incentivar a **literacia familiar** é organizar momentos em que as crianças levem livros para casa, de modo que possam ler com seus familiares. Para isso, é importante que a família seja orientada sobre como conduzir esses momentos: a leitura pode ser feita apenas pelo adulto, mas também pode ser dividida com a criança, que já terá tido uma primeira experiência de leitura em classe com essa obra e pode experimentar ler para os familiares. Você também pode orientar (talvez por meio de um bilhete) que se faça uma conversa após a leitura sobre as impressões de leitura.

Para esta obra, temos algumas sugestões de encaminhamento para essa conversa:

- **Qual** foi a parte que mais lhe chamou a atenção? **Por quê?**
- **Qual** é sua personagem preferida? **Por quê?**
- Alguma parte da história fez você sentir medo?
- Se você fosse a Mortina, protagonista do livro, teria lidado com a situação da mesma forma?
- Você já viveu algum momento em que se sentiu solitário como Mortina? **Como** fez para resolver essa situação? (Aqui, o familiar pode compartilhar com o pequeno leitor alguma vivência relacionada ao conflito vivido pela protagonista.)

Você também pode combinar com os estudantes que tragam para a escola alguma produção feita a partir da leitura e da conversa. Por exemplo, um desenho do trecho ou da personagem preferida dos familiares. Dessa forma, é indispensável reservar um tempo para que, a partir de uma roda de conversa, as crianças compartilhem com os colegas e professores como foi a leitura, quais conversas suscitaram, que produções foram feitas. Num segundo momento, todos podem pensar juntos uma forma de compartilhar as produções com o restante da escola. Uma sugestão é criar um mural em que o grupo faça a redação coletiva de uma indicação literária de *Mortina: uma história que vai fazer você morrer... de rir!*

Bibliografia comentada

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2020.

A autora fala da importância da conversa para a formação do leitor e como essa troca entre leitores amplia as construções de sentido em uma leitura. Ela também traz exemplos práticos, refletindo sobre o papel do adulto na mediação da conversa e a importância do registro desse momento para que seja possível identificar e acompanhar as aprendizagens dos leitores.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <http://bit.ly/BaseBNCC>. Acesso em: 30 out. 2021.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Orientada pelos princípios éticos, políticos e estéticos traçados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, o documento soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. *PNA — Política Nacional de Alfabetização*. Brasília: MEC/Sealf, 2019. Disponível em: <http://bit.ly/cadernoPNA>. Acesso em: 30 out. 2021.

Documento produzido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora catalã oferece uma contribuição valiosa tanto para ampliar as referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para refletirmos sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura. Na segunda parte do livro, a autora tece considerações sobre aspectos que devem ser considerados no planejamento de atividades que envolvam a leitura autônoma, a leitura compar-

tilhada e a leitura guiada por um leitor mais experiente. Por articular aporte teórico rigoroso e um olhar atento para as práticas escolares, o livro se configura como uma referência importante para profissionais que trabalham com a promoção da leitura.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-8, jan.-abr. 2002. Disponível em: https://bit.ly/notas_experiencia. Acesso em: 30 out. 2021.

O autor propõe pensar a educação a partir da transformação pela experiência, aquela que acontece na relação entre o conhecimento e a vida humana.

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: O real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

Quais são as tensões envolvidas no ensino da leitura e da escrita na escola? A pesquisadora argentina explica aos educadores o que precisa ser ensinado para formar leitores e escritores de fato. Para isso, oferece exemplos de propostas de leitura e escrita. Lerner também mostra como é importante criar condições para que os estudantes participem ativamente da cultura escrita desde a alfabetização inicial, uma vez que constroem simultaneamente conhecimentos sobre o sistema de escrita e a linguagem que usamos para escrever.

Sugestões de leituras complementares

Indicamos aqui alguns textos que podem contribuir com o trabalho do professor, por ampliar os temas e as propostas abordados neste material.

CARRANZA, Marcela. A literatura a serviço dos valores. *Revista Emília*, 15 out. 2012.

Disponível em: https://bit.ly/literatura_valores. Acesso em: 17 out. 2021.

A pesquisadora argentina aborda o lugar da literatura na escola e a relação cuidadosa da qual é necessário cuidar, como mediadores, quando pensamos no trabalho com valores. Defendendo o lugar livre do leitor, Carranza aborda definições importantes para todo mediador de leitura.

CARVALHO, A. C.; BAROUKH, J. A. *Ler antes de saber ler: Oito mitos escolares sobre a leitura literária*. São Paulo: Panda Books, 2018.

As autoras refletem nesta obra sobre as condições para a formação de leitores na escola, desde a Educação Infantil até os anos iniciais do Ensino Fundamental, discutindo alguns mitos em torno da leitura literária na escola. Com exemplos da prática escolar e de situações de formação de educadores, as autoras propõem um debate sobre a escolha de livros de qualidade, as diferenças entre ler e contar histórias, a importância da conversa para a formação de leitores, entre outros aspectos.